

Trabalhadores da Amazon não deveriam ter tanto trabalho para conquistar um sindicato

Via [Jacobin](#)

A votação se encerrou na eleição para determinar se cinquenta e oito centenas de trabalhadores em um armazém da Amazon em Bessemer, Alabama, se unirão ao Sindicato do Varejo, Atacado e Lojas de Departamento (RWDSU). Se ganharem, serão os primeiros trabalhadores da Amazon nos Estados Unidos a se unirem ao sindicato. A eleição é histórica, e não apenas porque seria a primeira vitória em uma das maiores e mais importantes empresas dos Estados Unidos. Seria também uma vitória rara para os sindicatos do Sul, uma região do país onde os sindicatos têm tido particular dificuldade de organização e onde as taxas de filiação sindical são especialmente baixas. A maioria da força de trabalho negra vinculou sua campanha sindical ao movimento #BlackLivesMatter e à luta pelos direitos civis no Sul.

Políticos como Bernie Sanders, Alexandria Ocasio-Cortez, Stacey Abrams e outros têm manifestado apoio. O Presidente Biden parou de pedir um voto no sim, mas emitiu um vídeo endossando o direito dos “trabalhadores no Alabama” de se filiarem a um sindicato, e pediu aos empregadores que não interviessem. Celebidades pesaram, assim como muitos outros sindicatos nos Estados Unidos e em todo o mundo, incluindo a Associação de Jogadores da NFL.

A campanha sindical na Amazon no Alabama é realmente importante. Mas devemos nos perguntar por que, em 2021 nos Estados Unidos, é considerado um evento tão importante para os trabalhadores decidirem se querem ou não se filiar a um sindicato?

Afinal, aderir a um sindicato e engajar-se em negociações coletivas é um direito legal federalmente protegido, consagrado na Lei Nacional de Relações Trabalhistas de 1935. O artigo 23 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU afirma que “toda pessoa tem o direito de formar e aderir a sindicatos para a proteção de [seus] interesses”. Então o que torna este ato de exercer os direitos humanos e legais básicos tão grande coisa?

É tão importante porque os empregadores e a legislação existente levantam tantas barreiras para os trabalhadores exercerem seus direitos legais que o simples ato de se filiar a um sindicato exige níveis incontáveis de bravura, determinação e heroísmo. Os trabalhadores americanos, não apenas na Amazon, devem colocar seu sustento e segurança pessoal em risco para se filiar a um sindicato, tudo isso enquanto resistem a constantes perseguições, ameaças e intimidações patrocinadas pelo empregador.

Isto é único em um país que se orgulha de ser uma “nação de filiados”. Quando se trata de formar ou aderir virtualmente a qualquer outra organização, é um ato mundano e rotineiro, celebrado como parte da liberdade de associação constitucionalmente protegida dos americanos.

Este é até mesmo o caso quando estas organizações se envolvem em atividades litigiosas. Se meus vizinhos e eu, por exemplo, estivéssemos preocupados com uma refinaria de petróleo local despejando toxinas em um rio próximo, poderíamos criar uma organização para combater essa poluição. O registro da organização exigiria o arquivamento de alguns documentos, e aqueles que quisessem aderir poderiam ser solicitados a preencher um formulário e pagar algumas taxas de filiação. Dependendo da eficácia de nosso grupo, podemos incitar a ira da empresa petrolífera, que poderia nos ameaçar e nos assediar de várias maneiras, numa tentativa de nos enfraquecer e derrotar.

Mas por mais agressivos que fossem, em nenhum momento a empresa petrolífera poderia ter uma palavra a dizer sobre quem está ou não autorizado a se juntar ao nosso grupo, nem poderiam se encontrar um a um com os membros do grupo para convencê-los de que fazer parte do grupo é uma má ideia, ou sugerir que a adesão poderia custar-lhes seu sustento. Nossa decisão de formar nosso grupo, e a decisão de outros sobre se querem ou não se juntar a ele, seria nossa e só nossa.

Este não é o caso quando se trata de uniões. Os empregadores têm liberdade para ameaçar e intimidar os trabalhadores, trazendo-os para reuniões especiais durante o tempo de trabalho, enviando e-mails e textos anti-sindicalistas, e uma série de outras táticas. Vimos tudo isso e muito mais no armazém da Amazon de Bessemer, onde os trabalhadores não podem sequer ir ao banheiro sem estarem sujeitos a uma barragem de propaganda antissindical.

Além do mais, os empregadores podem ponderar sobre quem é elegível para ingressar no sindicato, e como eles podem ingressar. No Alabama, a Amazon insistiu que a eleição sindical tinha que incluir trabalhadores temporários sazonais, e tentou (sem sucesso) que a eleição fosse feita no local e não pelo correio.

A única outra instância em que as leis chegam tão perto de permitir que os opositores das organizações interfiram no exercício de seus direitos legais é o direito de voto. Durante a era Jim Crow, as leis no Sul fizeram da Décima Quinta Emenda uma letra morta, negando aos negros e aos pobres brancos seu direito constitucional de voto. Hoje em dia, os partidos políticos podem gerir os distritos eleitorais de uma forma que lhes permite escolher seus próprios eleitores, enquanto novas leis de "integridade eleitoral" que estão sendo aprovadas a nível estadual estão criando o que Stacey Abrams chamou de "Jim Crow de terno e gravata".

Foi necessário um movimento de direitos civis e a Lei do

Direito de Voto de 1965 para garantir o direito de voto dos negros americanos, e será necessário um novo movimento de trabalhadores e novas leis para reverter o recente retrocesso no direito de voto. O mesmo vale para os direitos trabalhistas. Os trabalhadores lutaram muito para conquistar esses direitos em 1935, mas a luta titânica em Bessemer ressalta o quanto esses direitos foram corroídos. Os trabalhadores não deveriam ter que ser heróis para exercer seus direitos básicos.

Os trabalhadores não deveriam ter que ser heróis para exercerem seus direitos básicos. A Lei PRO, que recentemente foi aprovada na Câmara e está sendo considerada no Senado, resolveria muitos problemas com a atual legislação trabalhista, particularmente limitando a capacidade dos empregadores de interferir na escolha dos trabalhadores sobre a adesão ou não a um sindicato.

Mas os trabalhadores não podem confiar nos legisladores para aprovar a reforma da lei trabalhista – especialmente se a obstrução do Senado permanecer em vigor. A restauração e expansão dos direitos trabalhistas exigirá que mais trabalhadores sigam os passos dos trabalhadores de Bessemer e organizem o tipo de luta que conquistou os direitos trabalhistas nos anos 30.

Se eles vencerem, os trabalhadores ainda terão muitas batalhas heróicas a travar, especialmente nesta era de crescente desigualdade. É só que a luta para entrar para um sindicato não será uma delas.